

**Paulo Peixoto**

**Tradições universitárias e patrimonialização**

**Oficina do CES n.º 263  
Dezembro de 2006**

**Paulo Peixoto**

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Sociais – Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas

## **Tradições universitárias e patrimonialização\***

**Resumo:** Numa versão optimista, costuma dizer-se da tradição que ela nunca enfraqueceu uma nação ou uma cidade e que, nos momentos difíceis e em que novos desafios emergem, é na tradição que nações e cidades encontram recursos para se robustecer. Numa versão pessimista, diz-se que a tradição se converte em sentimento de segurança e que uma identidade segura está alinhada com o caminho da decadência, no sentido em que fomenta a tentação de agir sem pensar.

Neste texto, discutindo-se a possibilidade de patrimonialização das tradições universitárias de Coimbra, procura discutir-se o carácter inovador das tradições, o seu potencial revelador e auto-reflexivo e a sua capacidade de renovação identitária num contexto de busca de uma sustentabilidade cultural para uma cidade que procura reforçar a sua imagem e auto-estima.

### ***Por uma tradição inovadora***

O título deste texto pode fazer supor um impulso conservador. Não é, de todo, esse ímpeto que subjaz às linhas que se seguem. Muito pelo contrário. O argumento que aqui é defendido, e o repto que com ele é lançado, assentam na ideia que as tradições e o reconhecimento formal do seu valor patrimonial podem ser a base de um progresso socialmente valorizado e desejado. No caso concreto das tradições universitárias que este texto aborda, sustenta-se que elas – se sujeitas a um processo criterioso de patrimonialização – são o suporte inevitável para assegurar a sustentabilidade cultural de uma comunidade singular e a identidade de uma cidade em busca de auto-estima. Por isso, o sentido prioritário da patrimonialização que se propõe não é o da monumentalização, da musealização ou da folclorização, mas antes o da

---

\* Texto elaborado no âmbito do projecto de investigação “Dinâmicas de recomposição socioeconómica dos centros históricos: o caso de Coimbra” (POCTI/SOC/60886/2004), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e executado pelo Centro de Estudos Sociais, e da candidatura da Universidade de Coimbra a património mundial, sob solicitação do Gabinete de Candidatura. O texto mantém o registo ensaístico original e visa sustentar uma discussão enquadrada pela pesquisa desenvolvida no âmbito do projecto “Investigações Urbanas Comparadas Brasil-Portugal: Cidades, Património e Consumo”.

ancoragem das tradições nas práticas quotidianas. Desse modo, pretende-se que as tradições encontrem condições para se regenerar, para que se tornam operativas no campo da transformação do presente e para que se constituam como a base que sustenta uma comunidade no tempo longo.

É tão nefasto o progresso poder ser um obstáculo intransponível e fatal para as tradições como estas poderem constituir um entrave à modernização. Para as tradições universitárias analisadas, esta última vertente evidenciou durante muito tempo o peso anestésico de um passado simbolicamente dominador e recorrentemente acusado de ser avesso ao progresso de Coimbra. Face ao duplo risco assinalado, a patrimonialização apresenta-se como uma solução desejável para vencer um dilema paralisante. A patrimonialização pode permitir ultrapassar uma situação em que não tenha forçosamente de se fazer uma opção entre o tradicional e o novo. Porque escolher a tradição contra o novo, sacrificando o progresso em seu nome, pode hipotecar o futuro. Mas escolher o novo contra a tradição, fazendo da tradição o preço a pagar pelo progresso, é colocarmo-nos no mesmo plano daqueles que não conseguiram aprender com o passado. E quem não retira ensinamentos do passado está condenado a repeti-lo incessantemente sem grandes benefícios.

A patrimonialização das tradições universitárias, quer se faça através de formas de musealização mais ou menos organizadas e reconhecidas, quer através de formas de reificação folclórica mais ou menos espontâneas ou frívolas, tendo em vista a valorização dessas tradições como símbolo da identificação colectiva, pode traduzir pouco mais que uma relação estética que, nas sociedades modernas e na cultura do consumo, se tende a estabelecer entre tradições e cultura. É desejável que um processo de patrimonialização não se fique por aí e que a relação entre tradição e cultura adquira não só um valor estético, mas também um valor de uso. Numa cidade que expandiu significativamente a sua área urbana nas últimas décadas, o espaço nobre das tradições universitárias viu desenvolverem-se novas centralidades e novas dinâmicas sociais que tendem a encarar a tradição como um campo que já está à margem das práticas quotidianas, mas com o qual é forçoso manter uma determinada relação. Inserida num espaço manifestamente mais amplo, uma comunidade onde a tradição universitária foi encarada, durante muito tempo, como a mais insigne das regras, como base de legitimidade, como princípio estruturante da organização social e como signo de representação exterior, pode, perante a necessidade de se pensar e de se reconhecer a si própria enquanto outra, ser tentada a adoptar uma postura tradicionalista marcada por uma nostalgia romântica, por uma

mera lógica de comemoração ou por uma veneração estética em relação à ruína. Mas a postura das novas dinâmicas face às velhas dinâmicas pode, ao invés, basear-se numa relação de desdém ou de repugnância, levando a que as tradições universitárias sejam alvo de crítica, de esquecimento deliberado, ou de uma estratégia de extinção. Nenhuma destas duas opções se afigura como desejável. Mas o conflito, não negligenciável, que uma acção de patrimonialização das tradições universitárias se arrisca a fazer emergir poderá ser, em última instância, balizado por estas duas posturas extremas. A primeira fechada e ensimesmada. A segunda dominada pela crença vã de ser capaz de construir um futuro risonho a partir de uma solução de *tábua rasa*. A patrimonialização das tradições universitárias, para ser socialmente profícua, deve fugir à mera valorização estética dessas tradições, não se confinando à opção mais fácil de querer ver reconhecido o valor patrimonial das componentes mais emblemáticas dessas tradições. Assim como deve esforçar-se por ladear os impulsos que pretendam desligar as dinâmicas que fazem o presente e que moldam o futuro da cidade das tradições que as enquadram. É esse o desafio presente da patrimonialização das tradições universitárias em Coimbra.

Vale a pena recordar a fórmula amplamente difundida que afirma que o futuro sem passado é cego e que o passado sem futuro é estéril, na medida em que ela revela que patrimonializar é um acto essencial mas que não pode nunca ser um fim em si mesmo nem, muito menos, uma forma de viver em boa consciência com o passado. As tradições a que aqui nos referimos como tradições universitárias remetem para um espaço e para práticas sociais muito sensíveis à transformação desse espaço. Por isso, o que está em causa é a utilidade social da patrimonialização para uma comunidade de geometria e de composição variáveis, nunca redutível a uma escala meramente local. O objectivo último da patrimonialização que se advoga é permitir a apropriação colectiva do que de útil tem o legado de um passado mais ou menos longínquo, mais ou menos extraordinário, mais ou menos palpável. A mera obtenção de um estatuto patrimonial, o reconhecimento formal vazio de conteúdo e de alcance, tem um interesse muito limitado se não se revestir de um carácter de utilidade para a vida quotidiana e para o futuro da cidade. A patrimonialização que se analisa tem a ver com o domínio de uma cultura vivida por uma comunidade e com o desafio da sua sustentabilidade cultural e não com o domínio de uma cultura exibida para o mercado do lazer e do turismo.

Duas perguntas breves e simples permitem-nos explicar os argumentos que acabam de ser aduzidos. O que são tradições universitárias? Porque devem essas tradições ser patrimonializadas?

### ***Por uma tradição reveladora***

Nas sociedades em que vivemos, as tradições tendem a ser resumidas aos seus aspectos mais mediáticos, mais celebrativos, mais fugazes, ou mais folclóricos. No concorrido mercado das tradições que se tem vindo a constituir nas sociedades de consumo, onde cada forma de manifestação cultural se procura apresentar como a mais autêntica e a mais exuberante, a folclorização e a vulgarização das tradições são riscos eminentes. Daí pode resultar um risco maior, seja o da banalização instrumental, seja o do revivalismo encenado ou ainda o da conotação negativa das tradições. As tradições universitárias, como outras tradições, não estão imunes a estes riscos. Para equacionar a patrimonialização das tradições universitárias, é preciso, desde logo, exorcizar uma visão redutora, passadista ou encantadora desse tipo de tradições, de modo a que elas não se vejam confinadas às praxes académicas ou aos aspectos monumentais.

As tradições universitárias, na imensa vastidão das formas em que se manifestam, agrupam modos partilhados de pensar e de agir mais ou menos padronizados e perceptíveis, mas também, e sobretudo, os referentes espaciais que enquadram esses hábitos e costumes colectivos. Esses princípios tradicionais mantêm-se durante várias décadas como estruturantes da vida quotidiana e tendem a ser tão mais tradicionais quanto imperceptível – de tão trivializada – é a sua manifestação. E é a esses princípios, a maior parte dos quais não estão normalizados, que os indivíduos de diferentes gerações, muitas vezes inconscientemente, conformam as suas condutas, os seus percursos e os seus imaginários. A tradição resulta, por isso, da relação entre uma realidade cultural e espacial e a fabricação da sua identidade num tempo longo. Nessa medida, a tradição é um fenómeno através do qual práticas e valores culturais consolidados alimentam a promessa de continuar a conferir sentido e relevância a um modo de vida ou a uma comunidade. Numa cidade milenar com uma universidade de séculos este é um aspecto relevante. A tradição é uma espécie de memória colectiva de que falava Maurice Halbwachs. Ela permite manter com o passado uma relação contínua e ininterrupta. O espaço urbano é o suporte de transmissão dessa memória colectiva, na medida em que as características que lhe dão forma e que tornam uma comunidade distinta de outra comunidade são transmitidas por uma memória viva e não por uma memória erudita.

Rituais, como as praxes de curso, as praxes de trupe, as cerimónias de doutoramento; festas, como a Queima das Fitas ou o Cortejo da Latada; cerimónias imponentes, como a Abertura Solene das Aulas ou os Doutoramentos *Honoris Causa*; edifícios, como a Biblioteca Joanina, a Capela de S. Miguel, a Sala dos Actos ou as Repúblicas; todos, e cada um à sua

maneira, nos remetem para o vasto campo das tradições universitárias. Mas esta dimensão mais oficial das tradições universitárias, com todas as simpatias ou aversões que possa suscitar, com todos os consensos ou discordâncias que possa gerar, não deixa de ser uma versão estereotipada dessas tradições. Se quisermos encontrar aspectos vivos de um passado longínquo moldado por tradições universitárias não temos de procurá-los forçosa e preferencialmente nos monumentos, nem tão-somente nos lugares, nem tão-pouco nos grandes momentos, mas também em aspectos singelos e banais dos modos de vida. Naquilo que, de uma maneira ou de outra, configura uma tradição, muitas vezes intangível.

Aceitando o preceito de Jean Lefèvre, segundo o qual a tradição é um progresso que teve êxito (na versão de Chesterton, a tradição é a democracia dos mortos) e que, por isso, a mais sublime das tarefas da tradição é a de devolver ao progresso a cortesia que ela lhe deve, permitindo que o progresso desponte da tradição tal como a tradição irrompeu do progresso, vale a pena destacar dois aspectos que nos revelam o que são tradições universitárias. E que nos dão simultaneamente conta da relação que um estatuto patrimonial pode e deve manter com essas tradições.

Por um lado, a tradição é um saber que só é útil se souber ajustar-se a cada geração e a cada momento da história. Perdendo a sua capacidade de adaptação, a tradição destrói parte do seu valor instrumental e criador, ficando condenada a sair da esfera do vivido para a esfera do exibido com evidentes derivas folclorizantes. Mas mesmo que grande parte dos princípios tradicionais se vá ajustando às mudanças, a verdade é que certos aspectos tradicionais estão inevitavelmente condenados a deixar de fazer parte das práticas quotidianas. Nesses casos, formas mais convencionais de patrimonialização, como a musealização, por exemplo, são possíveis e desejáveis, de modo a reforçar o sentido de continuidade. Instrumentos e objectos de ensino e de aprendizagem, artefactos das práticas académicas formais e informais, formas diversas de expressão de uma identidade e de um espírito de colectividade, espaços ligados à organização e manifestação das práticas sociais dos agentes da academia, não fazendo já parte do quotidiano das tradições universitárias, são essenciais para consolidar o sentimento de sustentabilidade cultural de uma comunidade. Porém, porque é essa a sua missão sublime, para se adequarem e continuarem a moldar as práticas quotidianas é necessário que as tradições saibam ser fiéis a elas próprias, sem deixarem de ser permeáveis às dinâmicas dos tempos que correm.

Por outro lado, é conveniente não perder de vista que o progresso de Jean Lefèvre, e todo o progresso em geral, tem o seu preço. Assim como a democracia de Chesterton tem os seus aspectos sórdidos. Nesse sentido, é forçoso reconhecer que a tradição não é apenas feita de esperanças activas e contumazes. Mas que, nas acções de depuração que permitem a sua consolidação, as tradições são também feitas de lutas e de violências. As tradições são uma espécie de memória colectiva exactamente na medida em que se apresentam como a matéria-prima necessária para que se possa fazer do futuro algo de menos cruel que o passado. Neste aspecto, as acções de patrimonialização devem dirigir-se especificamente ao espaço urbano. Porque é sobretudo aí que a memória colectiva está inscrita. É aí que ela, glorificando certos episódios ou permitindo lembrar outros menos dignificantes, se mantém viva, funcionando como consciência crítica do passado e como uma promessa de futuro.

### ***Patrimonializar para assegurar a sustentabilidade cultural***

Recorrendo de novo a um preceito de Jean Lefèvre, poder-se-á dizer que a patrimonialização das tradições universitárias tem de basear-se no princípio de que não há um único grande projecto que não manifeste antes de tudo fidelidade ao passado, assim como não há uma única grande recordação que não transporte consigo uma promessa qualquer. Uma cidade como Coimbra não pode viver de grandes recordações se elas não forem simultaneamente um ingrediente de um projecto que transporte consigo uma promessa. Patrimonializar as tradições universitárias é um projecto maior na medida em que permite reconhecer a importância de um legado ancestral para a sustentabilidade cultural de uma comunidade, mas também porque esse reconhecimento transporta com ele a esperança de reconciliar a cidade com ela própria e com o seu passado.

Coimbra dá de si própria uma imagem de cidade dual e dividida. Dividida entre a Alta erudita amarrada à Academia, com a Universidade a ocupar o topo da colina e as Repúblicas a reforçarem o poder simbólico dominante, e a Baixa popular alicerçada no comércio e nos serviços. Dividida, pelo Mondego, entre a margem direita e margem esquerda. Dividida socialmente entre doutores e futricas com consequências evidentes na cadência da cidade e na segregação dos seus espaços. Dividida entre um centro histórico que se estende da Alta à Baixa e as áreas urbanas recentes em constante e rápida expansão. Dividida e dispersa em pólos universitários que acompanham o crescimento da malha urbana. Dividida por ser muitas vezes encarada como cidade que divide, na medida em que se converte como um local de

passagem onde se fica uns anos até os estudos acabarem. Na sua marca de cidade que tem mais encanto na hora da despedida, Coimbra alimenta um sem número de memórias individuais sem que o somatório delas seja capaz de dar forma a uma personalidade colectiva que se converta numa base inequívoca de sustentabilidade cultural.

Patrimonializar as tradições universitárias pode ser a pedra de toque para avivar e consolidar essa personalidade colectiva e para ajudar a cidade dividida a tornar-se uma cidade unida. Um processo de patrimonialização torna-se necessário para evitar um relacionamento fugaz e inoperante com as tradições e para construir uma relação funcional e criativa entre tradições e cultura. As tradições, acima de tudo, para se tornarem um catalisador da comunidade local, têm de ser percebidas como um processo e não como acontecimentos ou objectos quase isolados e localizados que emergem como que *ex nihilo*. Sendo um centro de difusão do saber que se estende ao país e ao mundo, por onde passaram grandes vultos da história portuguesa, Coimbra tem de oferecer a quem nela habita e a quem aí busca uma formação de nível superior o sentimento e a possibilidade de se tornar parte efectiva de uma comunidade cultural secular. Sem essa possibilidade, as tradições universitárias não serão mais que um momento, uma forma sem conteúdo ou um projecto meramente pessoal passível de todas as formas de banalização.

Por isso é necessário que uma acção de patrimonialização das tradições universitárias se estenda ao espaço urbano, designadamente à Alta da cidade. Não, como acontece em muitos casos, para que o reconhecimento patrimonial venha consagrar um não-lugar e uma margem que já teve uma importância elevada e central no passado, mas pela relevância que esse reconhecimento pode ter para o presente e para o futuro da cidade. A Alta não é apenas um lugar nem um centro à espera que lhe seja prestado um tributo. Deve, pelo contrário, ser encarada como um hiperlugar e um hipercentro, na medida em que tem de aspirar a ser simultaneamente um lugar, uma apropriação e uma prática colectiva de práticas sociais extraordinárias que assumam uma certa dimensão venerável e espectacular. Mais do que remeter para a esfera íntima ou para práticas quotidianas ordinárias que a aproximariam de outros centros da cidade, a Alta deve ser capaz de suscitar um investimento colectivo. Um projecto de patrimonialização das tradições universitárias deve levar ao reconhecimento da Alta como invólucro e como cerne dessas tradições, no sentido de a afirmar como base necessária para assegurar a sustentabilidade cultural de Coimbra. Uma patrimonialização desta natureza é passível de converter a Alta em protótipo da vida urbana e de a tornar um



lugar exemplar, de modo a que possa simbolizar uma promessa de futuro diferente para a cidade. Por essa via, patrimonializada enquanto suporte de transmissão de uma memória e de uma personalidade colectiva, a Alta participa no desígnio maior de uma comunidade cultural. Ou seja, a capacidade de uma comunidade em criar e em manter lugares de centralidade que possam ser propostos aos locais e aos estranhos como lugares a admirar e a venerar.

Além disso, os hiperlugares devem procurar tornar-se uma referência não só para a comunidade local mas também para a humanidade, porque essa é uma condição necessária para fazer emergir localmente a auto-estima que anima toda e qualquer comunidade cultural. Por isso, um projecto de patrimonialização das tradições universitárias deve estar orientado para assegurar a sustentabilidade do espaço urbano que enquadra e dá forma a essas tradições.

Nesta perspectiva, o rumo recente da Alta, previsivelmente agravado num futuro próximo pela deslocalização de faculdades e de estudantes, configura uma situação de risco passível de impedir a germinação de uma relação simbiótica forte entre patrimonialização e tradições universitárias. A promessa de um futuro diferente, que um projecto baseado na patrimonialização de uma grande recordação do passado pode transportar consigo, é a promessa de confirmar a sustentabilidade cultural da Alta. Acções que assegurem um equilíbrio entre a função residencial e a função de lazer, que concretizem uma possibilidade de gestão integrada de equipamentos turísticos e culturais, que permitam que a Alta funcione como espaço de criatividade artística, que conduzam ao seu desenvolvimento como centro de florescimento empresarial para jovens, que tornem possível a disponibilização de serviços altamente competitivos para a comunidade académica, que facilitem a mobilidade e o acesso à Alta, afiguram-se como prioritárias para que os laços entre as tradições universitárias e uma cultura vivida e sentida não definhem.

Porque a Alta transporta e simboliza os signos de uma recordação maior é desejável que ela transporte também os germes de uma esperança audaz. Resta-nos, por isso, formular o desejo de que se cumpra o sentimento expresso por Jean Jaurès a respeito do poder criador das tradições. “Ser fiel à tradição, é ser fiel à chama e não à cinza”.